

## O escrever reflexivo na constituição do Ser Professor

### *Reflective writing in the constitution of Being Teacher*

**Franciele Siqueira Radetzke** (francielesradetzke@gmail.com)

Professora de Ciências, Prefeitura Municipal de Porto Lucena - RS

#### **Resumo:**

O texto apresentado traz para discussão os desafios do Ser Professor em mediar os processos de ensinar e de aprender de forma significativa, bem como a sua atuação no desenvolvimento de competências e habilidades. Para tanto, o relato que segue convida o leitor a pensar na importância da escrita reflexiva na constituição docente, por meio da qual se abre espaço para o diálogo com a prática da sala de aula, com a metodologia, com o desafio e também para com as possibilidades que perpassam o agir docente na mediação de conhecimentos. Assim, o objetivo central do texto é analisar o potencial de contribuição da escrita na constituição docente. Por meio de citações retiradas do Diário de Bordo de uma Professora, o diálogo movimentava concepções de que a partir do processo de escrita reflexiva é possível tomar consciência acerca da prática e assim ressignificá-la.

**Palavras-chave:** Mediação de Conhecimentos; Processos de Escrita; Reflexão.

#### **Abstract:**

The presented text brings to the discussion the challenges of being a teacher in mediating the processes of teaching and learning in a significant way, as well as their role in the development of skills and abilities. Therefore, the following account invites the reader to think about the importance of reflective writing in the teacher constitution, through which there is room for dialogue with classroom practice, with methodology, with challenge and also with the possibilities that permeate the teaching act in the mediation of knowledge. Thus, the central objective of the text is to analyze the contribution potential of writing in the teacher constitution. Through quotes taken from a teacher's Logbook, the dialogue moves conceptions that from the process of reflective writing it is possible to become aware of the practice and thus re-signify it.

**Keywords:** Mediation of Knowledge; Writing Processes; Reflection.

## 1. INTRODUÇÃO

Tratar de e sobre constituição docente é sem dúvida um desafio preciso em tempos de recorrência ao profissional Professor como um mediador de conhecimentos, ou mais ousadamente o promovedor de sua construção. Tal pensar remete-se ao diálogo do que queremos do humano nos seres humanos do futuro e acentua-se ao pensar a sala de aula direcionada aos contextos sociais. Tal questionar reflete de forma autêntica e sublime os caminhos/desafios do Ser Professor na formação de cidadãos críticos e autônomos e

circunda a colaboração do aluno na construção de suas aprendizagens, sendo instigado a conhecer, testar hipóteses, propor soluções, argumentar e interagir, desafios colocados ao/pelo Professor no desenvolvimento de suas metodologias.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recomenda o desenvolvimento de competências e habilidades destacando que “apreender ciências não é a finalidade última do letramento, mas, sim, o desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, importante ao exercício pleno da cidadania” (BRASIL, 2017, p.319). Nesse viés, para o Professor o pequeno espaço da sala de aula torna-se imenso e desafiador ao trabalhar/mediar conhecimentos, haja vista de que os meios digitais aproximam os estudantes de informações, colocados como conhecimentos primeiros, mas que ainda precisam atingir outros patamares do saber, com relações e com significação conceitual (VIGOTSKI, 2001).

Dessa forma, conteúdos isolados abrem espaços para a busca de suas significações, nos campos de vivência de nossos alunos, permitindo a eles “atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões” (BRASIL, 2017, p.14). No entanto, o processo de significação conceitual remete-se ao Professor, que colocado como um mediador na sala de aula deverá instigar e contemplar aspectos que propiciem a construção de conhecimentos balizados pelas informações que os alunos carregam.

É nesse contexto que a busca por metodologias que propiciem a participação do aluno na construção de suas aprendizagens e a mediação na elaboração de significados direciona-se ao profissional Professor. Assim, o texto que segue convida o leitor a pensar na importância da escrita reflexiva na constituição docente, por meio da qual se amplia espaço para o diálogo com a prática da sala de aula, com a metodologia, com os desafios e também para com as possibilidades que perpassam o agir docente na mediação de conhecimentos.

## **2. A ESCRITA NA CONSTITUIÇÃO DOCENTE: QUEM FALA E POR QUE SE FALA?**

Pesquisas relacionadas ao processo de ensinar e aprender vem ganhando espaço em discussões acerca de uma aprendizagem autônoma e com envolvimento do aluno, haja vista de que as situações metodológicas não se condicionam mais a simples ideias

repassadas aos alunos, mas sim direcionam-se para oportunidades de envolvimento, construção e mediação de conhecimentos com participação ativa de todos os alunos. Diante de tal perspectiva decorre a necessidade do Professor de analisar a própria prática com o objetivo de melhorar as suas ações em sala de aula.

Desse ponto de vista emerge a necessidade de um professor pesquisador de sua práxis, ao condicionar suas ações a pesquisa e ao compartilhar de experiências. Demo (2005, p. 38) aponta os desafios que se fazem presentes na prática do professor pesquisador: 1.(Re)construir o projeto pedagógico próprio. 2. (Re) construir textos científicos próprios. 3. (Re) fazer material didático próprio. 4. Inovar a prática didática. 5.Recuperar constantemente a competência. Todos esses pressupostos estão atrelados a escrita, ao Ser Professor que reflete sobre sua prática/práxis.

Nessa direção, autorizo-me a afirmar que o processo de escrita na docência torna-se arte. Arte porque convida outros a dialogarem no compartilhar de uma experiência. Arte porque carrega emoções e sentimentos. Arte porque acentua desafios. Enfim, arte a ser discutida e (re)construída. Esses dizeres se remetem a uma Professora que encontra no entardecer da noite, o diálogo com suas inquietações por meio do processo do escrever. Ela revive momentos tocantes de suas aulas, cria outras possibilidades, instiga-se e reflete sobre sua prática. É em meio a esse contexto que o processo de constituição docente por meio da escrita, requer pensar nos acontecimentos que tocam o Ser Professor e lhe fazem parar para pensar e refletir, tendo em vista que os mesmos:

[...] desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico [...] e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. Desta forma, têm um papel ativo na educação e não um papel meramente técnico que se reduza à execução de normas e receitas ou à aplicação de teorias exteriores à sua própria comunidade profissional (ALARCÃO, 2005, p. 176).

Dessa forma, refletir a atuação desse profissional em sala de aula, com olhar para as suas ações metodológica em busca da construção de conhecimentos que façam sentido ao aluno e a ele mesmo, exigem momentos delineados por delicadeza, reflexão e constante compreensão, no olhar sobre a ação-na-ação como aponta Schön (1992). Ou seja, o professor pode recorrer várias vezes a uma mesma aula, pensar no que aconteceu

no que observou, no significado de sua aula e ainda em eventuais adaptações de outros sentidos.

Nos traços de suas construções artísticas, esta o Ser Professor dialogando consigo mesmo, com sua prática e com a aprendizagem de seus alunos. Esse profissional vai sendo conduzido no rascunhar de suas escritas pelos momentos da sala de aula que o marcaram e que merecem ser destacados e refletidos, mas acima de tudo compartilhados, uma arte dialogada entre autores e leitores. O tipo de escrita da qual trato, seja relato de experiência, escrita em diários, artigos, resenhas ou rascunhos, não menosprezam o sentido primeiro que contemplam, o diálogo sobre a ação-na-ação (SCHÖN, 1992). Os momentos de uma aula, permeados pelas mais variadas situações metodológicas podem ser vários, mas apenas alguns poucos conseguem tocar o Ser Professor, os quais requerem dele

um gesto de interrupção [...]: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.25).

Esses momentos únicos merecem atenção e por isso convidam o Professor a dialogar sobre, momentos que circundam reflexões e em meio a elas vão se transformando em experiências no sentido do que aponta Larrossa (2002, p.125, grifo do autor) para o autor, “a experiência é aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma”. Assim, dialogar a arte do encontro de uma experiência marcante, é dialogar a própria formação do Ser Professor, uma formação continua que se constitui a cada pincelada de uma escrita, acompanhado do percurso de experiências pelas quais vivência.

É perceptível que ao dialogar sobre o processo de escrita reflexiva, trato também da constituição docente. Momentos que nos fazem dialogar com nossa formação enquanto Professores, mas também enquanto aprendizes de uma profissão que não se cansa de aprender e de ensinar. Assim, o texto que segue ressalta minha caminhada de constituição registrada em momentos de escrita que me fizeram parar, pensar e refletir várias vezes no Ser Professor que fui construindo.

### **3. A CAMINHADA NA ESCRITA: DESAFIOS DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS**

Ao problematizar minha prática enquanto Professora de Ciências, percebo gradativamente que as situações metodológicas desencadeadas por nós Professores vão depender do sentido que atribuímos a elas, ou seja, das tendências e entendimentos que construímos acerca de nossas aulas. Questionar o sentido de uma aula mais dinâmica, com interação, relações e contextualização de conhecimentos ao viés de uma aula mais convencional, a qual trata o conhecimento como um conjunto de informações simplesmente depositadas nos alunos (CARRAHER, 1986), vai depender das concepções/sentidos que os Professores expressam acerca de suas metodologias, pois dependendo de suas compreensões é que se delineiam as suas ações em sala de aula.

É nessa direção, que a atribuição de sentidos a uma aula que circunda determinadas metodologias é possível no dialogar da ação-na-ação, e é no processo da escrita que lancei o desafio de compreender-me enquanto Professora, de compreender a minha prática e ainda a significação conceitual alcançada pelos alunos. Dessa forma, assumo a escrita como um processo formativo e ao mesmo tempo (re)constitutivo da prática do Ser Professor.

Tais concepções vão ao encontro do que ressalta Vigotski (2001), ao enfatizar que a escrita exige maior organização cognitiva do que a fala, na qual a compreensão na escrita somente é possível pelo conjunto de palavras e de combinações usadas de maneira articulada e bem estruturada. Assim, o que me proponho nessa sessão é a discussão com base nas escritas realizadas no Diário de Bordo (DB), o qual se constitui durante a caminhada formativa como um espaço de reflexão.

#### **3.1 Aspectos metodológicos e a constituição do espaço de reflexão**

Ao dialogar sobre os desafios e possibilidades da minha caminhada na escrita é preciso que eu antes recorra ao DB, um verdadeiro amigo e confidente de toda trajetória, que com carinho registra momentos, diálogos, inquietações e anseios de uma Professora em formação. Cabe destacar que o DB foi e é um instrumento utilizado de acordo com a perspectiva de Porlán e Martín (1997). Os autores ressaltam que “o, diário de bordo é usado como um guia para a reflexão sobre a prática, favorecendo ao professor a consciência sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência” (1997,

p.22). Assim as escritas/reflexões construídas no contexto acerca da vivência na docência busca desenvolver, em quem dela usufrui como seres críticos e reflexivos, um repensar constante das ações empreendidas.

Meus registros iniciais no DB eram simples descrições sobre fatos transcorridos nos encontros do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e passagens ocorridas em sala de aula, oportunizadas pelo programa. Gradativamente as escritas vão ganhando forma ao tempo que passo a destacar somente os aspectos que mais me chamavam a atenção, neles destacando reflexões e possibilidades. No DB estão apresentadas falas de Professores, de alunos, de colegas, questionamentos, aspectos da metodologia adotada em cada aula e também minha percepção acerca de tais passagens.

Dessa forma o simples fato de escrever no DB foi se constituindo em movimentos de reflexão acerca de minhas práticas e de tal maneira (re) conduzindo minhas ações docentes à medida que recaíam sobre e para a minha formação (PORLÁN, MARTÍN, 1997). Em meio aos diálogos estabelecidos no DB, passo a caracterizá-lo como um espaço de reflexão e não apenas de registro, ao apresentar questionamentos, reflexões e um diálogo particular entre o meu Ser Professor e suas ações, e é nesse viés que o DB torna-se espaço de pesquisa acerca de minha própria prática num diálogo formativo.

Porlán e Martín (1998) ao dialogarem acerca do uso do DB na constituição docente, enfatizam a sua sociabilidade e a importância da troca da leitura entre pares, e é nesse contexto que ao enfatizar a importância da escrita reflexiva na constituição do Ser Professor faço uso de escritas do DB, utilizado nesse texto como instrumento de pesquisa.

O estudo realizado caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa (LÜDKE, ANDRÉ, 1986) de estudo e reflexão para com as perspectivas anteriormente destacadas, haja vista a interpretação de trechos destacados do DB como focos principais de abordagem. Direciono minha intenção em potencializar entendimentos acerca dos processos que viabilizam a escrita reflexiva como constituinte na formação docente utilizando o DB como espaço de estudo e reflexão. Para Lüdke e André (1986, p.11), “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo”.

Importante destacar, que as passagens pinceladas para esse estudo fazem referencia desde o ano de 2014, ano em que iniciei os estudos na graduação no curso de Química-Licenciatura e que desde então participei de programas como o PIBID, Programa de Educação Tutorial – PETCiências, além de pesquisas na área do ensino de Ciências, dos Ciclos Formativos em Ensino de Ciências entre tantos outros encontros de formação.

A seguir, um diálogo entre os registros retirados do DB e as construções e percepções de uma Professora envolvida com o processo de mediação no ensinar e no aprender, ressaltando-se a importância da escrita na formação docente.

### **3.2 O Processo de Escrita e a constituição docente**

A escrita é algo que nos acompanha desde a antiguidade e que se concretiza em nossa alfabetização. Aprendemos a ler, escrever, sobre o significado das palavras, sobre suas relações, às regras gramaticais, a construção de pequenas frases até textos longos. No entanto, a escrita ainda continua a ser algo complicado de se construir, no tocante de que ao compartilhar uma ideia o foco de interesse é a compreensão do leitor. Brum (2012, p.1) afirma que

ao autor, cabe a tarefa de apresentar, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência mais convincente, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de atingir o seu objetivo. A partir daí, o leitor constrói um significado global para o texto

Nessa direção a prática da escrita é lugar próprio de interação, em que as intenções do autor, na sua materialidade linguística, relacionam-se com os conhecimentos daquele que lê (DELLOSSO, 2013) permitindo o compartilhar de experiências no tocante de um processo formativo e (re) constitutivo. Hoje, em sala de aula, observo as dificuldades de organização dos alunos durante os processos de escrita, são momentos que os fazem pensar, refletir, criar relações, escrever para que a Professora e os colegas os compreendem. Tais observações se voltam para o meu Ser Professor no sentido do entendimento de minha prática e do quanto enriquecedor pode ser o processo de escrever, quantas relações e diálogos poderão ser estabelecidos.

De acordo com Vigotski (2000, p.478 e 479) “a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado [...] o significado medeia o pensamento em sua caminhada para a expressão verbal”, assim o processo de organização da escrita é recheado de movimentos que convergem para o processo formativo e constitutivo ao construírem seus significados. Tal processo de construção de significados é o ponto que alcançamos nesta

escrita ao dialogarmos sobre o escrever reflexivo na constituição do Ser Professor, ao analisar-se as escritas realizadas no DB.

Na análise de tais escritas é possível observar dois tipos de escritores, conforme aponta Góes (1993), ao estudar sobre a escrita e a sua ação reflexiva. Existem dois posicionamentos de escritores, os ditos iniciantes que apenas contam o que sabem e não se preocupam em retomar o que escrevem e escritores experientes que revisam os seus textos e descobrem novas relações e nesse processo transformam o seu pensamento.

No iniciar de minha trajetória fui anotando/descrevendo o passo a passo de cada aula: “Na aula de hoje trabalhei com o conteúdo de ligações químicas, para isso realizamos a montagem de moléculas com bolinhas de isopor – CO<sub>2</sub>, H<sub>2</sub>, N<sub>2</sub>, SO<sub>4</sub> entre outras, os alunos gostaram da ideia, pois foram ao laboratório e podiam trabalhar com tinta” (DB, 2014). Ou ainda, “Realizei um trabalho com o 9º ano sobre ligações químicas, nesta aula os alunos puderam fazer uso de jogos didáticos para entender o conteúdo de ligações iônicas e covalentes. Eles adoraram a ideia pois podiam trabalhar em grupos e ainda se desafiavam para ver quem montava mais moléculas no jogo” (DB, 2014).

Tais descrições concretizam-se em registros de uma Professora iniciante e perpassa o primeiro tipo de escritor apontado por Góes (1993), aquele que escreve apenas o que observa. Tais registros não apresentam questionamentos, nem reflexões acerca de seu desenvolvimento, são apenas simples descrições não acompanhadas de significados no sentido que apresenta Vigotski (2001) e de tal forma passíveis da construção de sentido contribuintes ao processo de formação.

Nessa direção, como diria Marques (2001, p. 114) “é no andar da carroça que se ajustam as abóboras, também é no andar da pesquisa que se reorganiza ela e se reconstrói de contínuo harmonizando diferentes momentos”. Assim, chega o momento do meu Ser Professor dar um passo adiante em suas escritas, que até agora representam meras descrições inocentes de uma Professora, que ainda não foi questionada a outras maneiras de observar suas aulas, de pensar a sua constituição e a significação conceitual de seus alunos. É pensando nesse movimento, de dar um passo à frente, que a Professora em formação inicial é instigada a compartilhar a metodologia didática desenvolvida em um relato de experiência, no qual se valoriza o acontecimento, as possibilidades e as reflexões desencadeadas no decorrer de um momento pedagógico, destacando ao leitor o processo,



o movimento do grupo de alunos e do Professor. Eis o desafio dos gestos de interrupção, detalhes e sentimentos apontados por Larrosa (2002) ao falar de experiência, haja vista de que na construção do relato de experiência as intenções,

vão ao encontro do relatar vivências que são construídas em diálogos com sentimentos de formação e transformação, alcançados à medida que os acontecimentos em sala de aula transformam e formam o *ser professor*. Momentos que requerem ser compartilhados, pois se tornam arte de constituir a identidade docente de forma autêntica e construtora da profissão (RADETZKE, LEITE, 2017, p. 2).

Nessa direção, ainda na graduação, ao abranger a necessidade do compartilhar experiências em um relato, as escritas no DB passam de simples registros para um processo mais reflexivo, em que se valoriza as relações desencadeadas entre alunos e Professora, recheado de questionamentos, reflexões, possibilidades e de desafios ao circundarem possíveis contribuições formativas a serem compartilhadas.

Reis e Ostetto ( p.6 ) salientam que “as narrativas possibilitam o entrelaçamento das vidas do narrador e do ouvinte que, ao compartilhar dos relatos do narrador, pode tanto reinterpretá-los, quanto recriá-los consoante às suas próprias formas de pensar, sentir e agir”. À vista disso, o compartilhar de experiências docentes ao destacar suas perspectivas, contribuições e desafios, permite a quem dela tome nota constituir-se como um ser reflexivo acerca de suas ações docentes.

Posto isto, os primeiros passos rumo a uma escrita mais experiente (GÓES, 1993) são traçados. Passos que me desafiaram a dialogar sobre aspectos que antes eram despercebidos, sobre as limitações e contribuições de determinada metodologia didática na significação conceitual dos alunos e ainda sobre a minha formação docente. Posso afirmar que as primeiras pinceladas foram me motivando num diálogo que fazia comigo mesma, ao retomar minhas concepções e as escritas realizadas no DB sempre entrelaçadas aos referências que movimentavam minhas ações.

Dessa forma, foi e é nos processos de escrita que encontro o sentido de minhas ações e é no movimento do diálogo que enalteço outras possibilidades e desafios permitindo um olhar mais enriquecedor acerca de minha constituição por meio da reflexão. As pinceladas de minha escrita vão tomando forma em meio ao processo metodológico, incrustadas nos movimentos que dela sobressaem compreensões, reflexões, alunos e Professor. Passo a pensar nas aulas sobre ligações químicas não de

forma diferente, mas mais ampliada, ao buscar pelo sentido de tal e os motivos que me fazem parar para pensar e refletir e nesse meio registrar em relatos de experiência para compartilhar. Ressaltar que *os alunos adoraram a ideia* tanto na atividade referente ao jogo didático quanto na montagem de estruturas químicas não alcança em sua forma descritiva a concretude de seu potencial metodológico, é necessário agregar questionamentos/reflexões pensantes e formativas na pessoa do aluno e do Professor, alcançando consciência sobre os momentos que perpassaram a aula e dessa forma avançar qualificando a prática de ensino e ressignificando-a.

As pinceladas de uma escrita experiente (GÓES, 1993) vão tomando forma em diálogos/escritas posteriores, nos quais retomo as práticas realizadas para outros contextos de ensino, agora numa conversa sobre as potencialidades do uso de metodologias lúdicas na sala de aula e não mais somente se recorrendo a observações primeiras que pouco ou nada contribuem ao se falar de constituição docente, como demonstrado na passagem a seguir:

os jogos didáticos são uma metodologia de ensino, não consistindo apenas em uma simples atividade, mas um instrumento que pode vir a contribuir para o processo de ensino aprendizagem dependendo da mediação do professor, do planejamento, no momento certo. Para isso é preciso que o professor tenha claro seus propósitos/objetivos com o jogo. Assim o lúdico não deve ser levado para a sala de aula apenas para preencher lacunas de horários ou para tornar o ensino mais divertido (DB, 2015).

Na passagem, é perceptível o olhar tanto para a construção e significação dos conceitos pelos alunos quanto para posição do Professor em mediar esse processo. Dessa forma, meu olhar não se limita somente na diversão e aceitação de tal metodologia pelos alunos, mas amplia-se na observação das possibilidades e desafios desencadeados quanto à significação dos conceitos trabalhados. Tal observação também é visualizada em reflexões posteriores na atividade de montagem de moléculas com bolas de isopor

cabe destacar que além da possibilidade dos alunos visualizarem o arranjo espacial dos átomos em uma molécula, também possibilita a eles compreenderem as diferentes propriedades dos mesmos ao apresentarem tendência de formar determinado tipo de ligação química [...] e ainda permite visualizar as diferenças entre os tamanhos dos átomos [...] cabe agora o desafio de estabelecer articulações entre o macroscópico (modelos confeccionados) e o microscópico (compartilhamento e transferências de elétrons) (DB, 2015).

Acredito que o ato de refletir ao investigar/retomar nossas práticas pedagógicas permite a tomada de consciência acerca de nossas ações, apropriando e significando uma

linguagem que se aproxima do nosso Ser Professor, que nos encontra e busca a nossa compreensão qualificando a prática de ensino e porque não as relações entre professor e aluno, entre o ensinar e o aprender.

É falando de uma aprendizagem que faça sentido, a qual de acordo com Vigotski (2001) é quando os alunos conseguem internalizar o novo conceito de forma a operar com ele em diferentes situações, que passe a fazer parte de sua visão de mundo, ou seja, relacionar os conceitos trabalhados em sala de aula com situações vividas em seus contextos, que se encontra o profissional Professor a dialogar a sua prática consoante de que

não podemos banalizar o conhecimento apenas através destas práticas de Jogos Didáticos, por exemplo, mas interligá-las com outras atividades, pois precisamos valorizar a atuação e participação ativa dos alunos, os quais se mostraram motivados com uma diferente estratégia de ensino (RADETZKE, HUMANN, WENZEL, 2014, p.1).

Dessa forma, um processo de escrita constitutivo, não será apenas uma escrita, mas um diálogo que abrace a causa constituinte que nos forma e nos transforma em Professores confiantes no desafio de ensinar e aprender de forma significativa. Um processo que promova a construção de valores e a capacidade de atuação dos alunos no e sobre o meio em que vivem, como ressaltado em um dos trechos retirado do DB da Professora,

é necessário que (re) interpretamos nossas metodologias didáticas, é necessário que nossas práticas façam sentido ao aluno para junto do construir, questionando e retomando conceitos, para que de fato o conhecimento possa ser internalizado, que permita ao aluno atuar com criticidade, num processo que se dá de dentro para fora, num constante repensar o ensinar e o aprender (DB, 2016).

Enfim, encerro o diálogo num convite para escritas que perpassem o perfil formativo e reconstrutivo de suas práticas, as quais além das reflexões, possibilidades e desafios alcançados se tornam um meio de compartilhar situações que tocam o Ser Professor e que apontam suas transformações, sempre no indicativo de uma escrita que contemple a prática, o Ser Professor e a significação conceitual dos alunos.

#### **4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O diálogo construído em meio a excertos retirados do DB procurou investigar as contribuições da escrita na constituição do Ser Professor. O processo de análise permitiu

afirmar que a escrita como mero mecanismo de registro/descrição pouco ou nada contribui para o processo formativo e (re) constitutivo da prática do Ser Professor. No entanto ao abarcar os desafios, possibilidades, reflexões e relações entre Professor e alunos no compartilhar de experiências, permite um diálogo reflexivo e constitutivo da prática pedagógica.

Dessa forma, o diálogo construído encontrou em minhas concepções como Professora o movimento de falar sobre minhas vivências e experiências que ao compartilha-las por meio da escrita promove o questionamento acerca da própria prática apontando possibilidades e também desafios. Nessa direção, o percorrer de uma aula exige do docente muito mais que sua presença física ou o término de tal, requer movimentos de questionamento e reflexões para com a sua prática, um processo formativo e reconstitutivo, que vai se constituindo no partilhar de incontáveis narrativas, na qual me arisquei a dialogar uma: o estudo das ligações químicas. A mesma motivou-me a refletir minhas intenções como Professora, ao buscar promover uma aprendizagem contextualizada e com envolvimento dos alunos e ao mesmo tempo aproximou-se dos desafios e possibilidades que se tornam arte no ensinar e no aprender.

Ao final, compartilho a ideia de que a escrita na docência precisa sem sobra de dúvidas pincelar acontecimentos, reflexões e experiências que tocam o Ser Professor e não apenas remontem um indicativo da prática pela prática. O compartilhar de experiências na docência precisa ser constante ao passo que possibilita a tomada de consciência acerca da própria prática.

## 5. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

BRUM, L da. S. A interação entre autor/texto/leitor nas praticas de leitura do Ensino Médio. **Revista Novas Letras**, Santa Maria, v.1, n. 9. 2012.

CARRAHER, T.N. **Ensino de ciências e desenvolvimento cognitivo**. Coletânea do II Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia. São Paulo, FEUSP, 1986. p. 107-123.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

DELLOSSO, H.C.B.B. **A produção de texto na sala de aula**: uma análise de produção de ensino. 2013. 173 f. Dissertação- Universidade Metodista de Piracicaba, Programa de pós-graduação em Educação, Piracicaba, SP, 2013.

GÓES, M.C.R. de. A criança e a escrita: explorando a dimensão reflexiva do ato de escrever. In: GÓES, M.C.R. de; SMOLKA, A.M.L.B. (orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. São Paulo: Papirus, 1993. p. 99-117.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.1, n. 19. 2002.

MARQUES, M.O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 2001.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

RADETZKE, F.S.; LEITE, F de. A. Prepara, chegou a hora de ser professora! **Horizontes – Revista de Educação**, v.5, n.9. 2017.

RADETZKE, F.S.; UHMANN, R.I.M.; WENZEL.J.S. **Jogos Didáticos em Sala de Aula no Ensino de Ciências**. In: 34º Encontro de Debates sobre o Ensino de Química-EDEQ. UNISC, Santa Cruz do Sul, 2014.

SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.